Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



JEAN ARTHUR, favorita dos cinéfilos portugueses, é uma das mais talentosas artistas do cinema americano. Vimo-la recentemente no filme «O Diabo e a menina»

2.ª SÉRIE — N.º 48 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS FEIRAS — LISBOA, 6 DE OUTUBRO DE 1941 — PREÇO 1$50

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

1

As decifrações destas preguntas de algibeira ilustradas — nova fórmula da nossa antiga secção — só serão publicadas no próximo número. Premiaremos com excelentes fotografias de artistas cinematográficos os dez primeiros leitores que enviarem à nossa redacção respostas exactas às seis charadas fotográficas que ficaram nesta página. O endereço deve mencionar o título desta secção.



1 — Eis aqui uma foto de trabalho tirada durante a filmagem de um exterior para uma produção portuguesa. — Qual? A «Revolução de Maio»? «A Canção de Lisboa»? « O Trevo de 4 Folhas»? «João Ratão»?



2 — O realisador Garson Kanin (à direita) dá explicações aos seus dois principais intérpretes, deante da «maquette» do principal cenário de um dos seus melhores filmes. — Quem são os dois actores? E de que filme se trata?



3 — Diz-se que êste «astro» não ficou muito satisfeito com a sua pontaria. O seu olhar para os canos da espingarda parece dizer: «Aqui há gato!» — Quem é o atirador infeliz?



4 — Os jornais de todo o mundo referiram-se recentemente a um episódio romanesco da aventura amorosa de dois artistas de Hollywood. Ela é muito conhecida do público português. Êle é pelo menos conhecido dos leitores do «Animatógrafo» — Quem são?



5 — Esta foto foi tirada durante um intervalo da realização de um filme célebre. Nela figuram o seu realizador, o seu protagonista, e um actor secundário muito conhecido. — Quem são êles e qual é o filme em questão.



6 — Êste aspecto de certa fronteira balcânica figurava num filme exibido à mêses. — A que filme pertence? — Julgamos que para atinar com a resposta é desnecessário esclarecer se se trata de uma produção europeia ou americana...

2.ª série / N.º 48 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

6 de Outubro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

UMA REAPARIÇÃO QUE SE IMPUNHA!

MARIA PAULA

trabalha em «O Pátio das Cantigas», o filme n.º 2 da Prod. António Lopes Ribeiro

Era coisa velha e sabida dentro do Cinema português: rapariga que entrasse numa fita, com êxito ou sem êxito, revelando muitas ou poucas qualidades, chamavam-lhe «vedeta» e mandavam-na para casa, sem nunca mais lhe oferecerem outra oportunidade, sem tirar partido das suas qualidades, sem a experimentar, depois de eliminados os defeitos e, principalmente, sem aproveitar o que da sua experiência do estúdio e das exigências de filmagens poderia resultar.

Maria Paula cuja estreia nas «Pupilas do Sr. Reitor» constituiu um acontecimento dos que se podem considerar sensacionais, também tinha passado pelo Cinema fugazmente, sem que o público a quem agradou a sua voz, a sua beleza, o seu talento tivesse nova oportunidade de a ver representar na tela outra heroína das fitas nacionais.

De orfã nas «Pupilas» passara a «enteada» do Cinema Português», o que era flagrante injustiça às suas qualidades, e revelava a absoluta ignorância do interêsse do público pela Maria Paula, pelo seu encanto de mulher, pela sua agradável presença e apreciada voz.

Do Cinema para o Teatro

No entanto, Maria Paula não se deixou esquecer. Depois da sua actuação no Cinema o teatro tentou-a e Maria Paula apareceu nos palcos com o mesmo êxito e o mesmo agrado.

O Eden, ainda fresco, acabado de inaugurar, na sua fase actual viu-a trabalhar com acêrto interpretando «Bocage» ao lado de Amarante. E verificou-se outra vez êste caso que já é relativamente freqüente em Portugal: o Cinema descobriu uma actriz para o Teatro. Lá fora o Cinema vai freqüentemente desencantar ao Teatro as suas estrêlas. O inverso é porém raríssimo porque o Cinema nunca mais abandona as suas descobertas, quando elas têm talento e agrado. Em Portugal o Cinema abandonava as suas próprias criações e Maria Paula para não terminar inglòriamente uma carreira que tão auspiciosamente começara continuou no palco o seu trabalho de actriz, com vontade magnífica.

Depois de algumas aparições na revista festejadas pela crítica e devidamente apreciadas pelo público, Maria Paula foi para o Brasil na companhia Mirita--Vasco Santana e teve lá um acolhimento triunfal, que valeu por uma autêntica homenagem à beleza da Mulher de Portugal. No extraordinário êxito do repertório de Mirita-Vasco, Paula teve uma apreciável cota-parte. O público brasileiro compreendeu-o, assim, manifestando-o em duas festas artísticas, uma das quais, em S. Paulo, ficou memorável.

No «Verde-Gaio»

Quando António Ferro criou a companhia dos bailados portugueses, «Verde Gaio», o cuidado com que escolheu todos os colaboradores, todos os artistas-decoradores, todos os elementos coreográficos impôs a todos que mereceram essa honra particulares responsabilidades. Do facto de brilhantemente se comportarem à altura das responsabilidades assumidas resultou que o «Verde Gaio» foi um grande acontecimento nacional. Maria Paula desempenhou-se da parte que lhe coube, com grande brilhantismo, provocando a admiração de quantos tiveram o prazer de a ouvir nas suas deliciosas canções folclóricas.

Em S. Carlos, naquelas magníficas noites, os aplausos unânimes dum público escolhido onde estava o melhor da nossa sociedadas, das artes e das letras, Maria Paula teve o testemunho insofismável de quanto apreciavam o seu talento e a sua vontade.

A «Amália» do «Pátio das Cantigas»

Quando a Produção António Lopes Ribeiro iniciou a sua segunda produção entendeu que a injustiça feita a Maria Paula pelo Cinema devia ser reparada e satisfeita a vontade do público. Escolheu para isso, um dos melhores papéis da fita e chamou Maria Paula para o interpretar enquadrada no magnífico elenco de que fazem parte Maria das Neves, Vasco Santana, António Silva, Graça Maria, Laura Alves, António Vilar, Carlos Otero, Barroso Lopes, Carlos Alves, Armando Machado, Pereira Saraiva, Reginaldo Duarte, Henrique de Albuquerque e outros consagrados actores do Teatro e do Cinema portugueses, além do próprio realizador da fita que, como os nossos leitores já sabem é Ribeirinho.

Começa, assim, a desfazer-se a atmosfera das vedetas-relâmpago contra a qual tanto pugnou o «Animatógrafo». Desaparece uma das importantes pechas do nosso Cinema que agora começa a aproveitar em rendimento de trabalho a experiência que à sua custa ganharam os intérpretes.

Quando António Lopes Ribeiro

(Continua na pág. 8)



Um par de fotogenia indiscutível: António Vilar, o conhecido caracterizador, que se estreia no cinema em papéis de responsabilidade (depois de breves mas marcantes passagens em «Feitiço do Império» e «Pão Nosso») e Maria Paula, que reaparece num lugar a que a sua beleza e a sua perseverança lhe dão pleno direito. São êles o «leading couple» de «O Pátio das Cantigas» *(Fotografia Silva Nogueira)*

ECOS DA IX EXPOSIÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE VENESA

LUISE ULLRICH



A actriz premiada êste ano no certame de Venesa não é desconhecida do público português. Conforme noticiámos na semana passada, foi Luise Ullrich a vencedora, pela sua interpretação em «Annelie — Geschichte eines Lebens» (Annelie — História duma Vida).

Portugal conhece pelo menos um dos seus filmes, exibido em 1936: «Regina», produção da U. F. A., dirigida pelo realizador Erick Washneck, na qual apareciam também Adolphe Wohlbrück (o intérprete de «Mascada» que depois foi para Inglaterra, onde transformou o nome para Anton Walbrook e interpretou a figura do Príncipe Alberto nos dois filmes de Wilcox sôbre a Rainha Vitória), Olga Tschechowa, Hans Junkermann e Hans Adalbert von Schlettow. Recordo-me perfeitamente da agrável surpreza que então constituíu o aparecimento de Luise Ullrich, pela sua juventude, pela sobriedade dos seus processos, pela inteligência e expressão dos seus grandes olhos melancólicos — que parecem reflectir ainda as atribulações que sofreu na sua meninice, decorrida durante os anos de privações que se seguiram, na Áustria, à guerra de 1914-18, pois Luise Ullrich é natural de Viena.

O êxito agora alcançado na famosa competição cinematográfica que há nove anos se realiza na cidade do Adriático — não me espantou, por isso. Luise Ullrich é de-facto uma bela actriz, capaz de desempenhar com brilho os papéis de maiores responsabilidades. Está neste caso, certamente, a figura de Annelie que personifica em «História duma Vida», filme de Joseph von Baky, produzido pela U. F. A., que é uma espécie de réplica alemã do célebre «Calvagada». A acção decorre nos setenta anos que medeiam entre 1870 e 1940, e conta a história duma família burguesa, dedicada ao serviço da Alemanha. O fulcro do enrêdo é a figura de Annelie — e daí o título do filme. Em 1887, tem ela 17 anos, vêmo-la no seu primeiro baile, acompanhada por seus pais (o grande actor Werner Krauss e Käthe Haack). Em 1914, Annelie tem 43 anos e é casada com um médico (Karl Ludwig Diehl), que a guerra afasta do lar, mobilizado, tal como o seu filho mais velho. Quando rebenta o actual conflito Annelie tem 70 anos e dois netos a prestar serviço no exército.

Como vêem a figura desempenhada por Luise Ullrich aparenta-se bastante com a que Diana Wynyard interpretava na magnífica obra de Frank Lloyd. E a Taça Volpi, ganha em Venesa, garante-nos que o seu trabalho sai fora da vulgaridade. — A. M.

CONSIDERAÇÕES À MARGEM DA VITÓRIA ESPANHOLA

No último número de «Primer Plano», a excelente revista espanhola de cinema lêmos uma interessante entrevista com Joaquim Soriano, secretário da sub-comissão reguladora do Serviço de Cinematografia e delegado da Espanha à Bienal de Venesa. Pareceu-nos proveitoso dar a conhecer aos nossos leitores os seus pontos essenciais, porque as palavras do delegado espanhol contradizem algumas ideias preconcebidas sôbre a competição cinematográfica que a Itália organiza todos os anos, e rectificam certas erradas opiniões sôbre as possibilidades e vantagens da comparência em certames como o da Bienal de Venesa — ideias preconcebidas e erradas opiniões a que, fundamentalmente, se deve o afastamento sistemático do nosso País dessa e doutras competições internacionais.

Esta espécie de incompreensão não é, aliás, apanágio apenas de Portugal. Joaquim Soriano, nas suas declarações, confessa muito claramente a sua estranheza por não ter encontrado, quer na imprensa do seu país quer na opinião pública, repercussão condigna do êxito alcançado em Venesa pela produção espanhola. Mas a Espanha possui actualmente um «Serviço» de Cinematografia, e — felizmente para ela — êsse organismo não ignorou, não esqueceu, nem menosprezou a Exposição Cinematográfica de Venesa.

Condições de apresentação

Muita gente supõe que não vale a pena aparecer em competições dêste género senão com uma imponência de representação comparável à dos grandes países. Engano puro. Veja-se o que disse o delegado espanhol sôbre êsse ponto:

«Enquanto outros países acudiram com vários representantes e um exército de jornalistas, fotógrafos, e intérpretes das suas películas concorrentes, a Espanha estava apenas representada pela minha modesta pessoa, sem propaganda das nossas produções, sem fotografias dos nossos artistas, com películas simplesmente faladas em espanhol, sem legendas traduzidas, como as outras.

Creio que esta falta de preparação, chamemos-lhe decorativa e externa, valoriza ainda mais o nosso triunfo. Mas a presença de Espanha pela primeira vez no certame, deu-nos experiência formal para os futuros concursos».

Quere dizer: para se marcar uma posição interessante em Venesa, não é necessário grande estadão, como não é preciso concorrer com muitos filmes. A Espanha alinhou apenas com uma película de grande metragem e vários documentários curtos. Pois tanto bastou para ganhar uma das nove taças destinadas a premiar os filmes de grande metragem, e uma das oito medalhas atribuídas aos filmes curtos. E no entanto foram apresentados trinta filmes de fundo, vinte e três documentários alemães, vinte e três documentários italianos — fora o resto.

Os frutos da vitória

O entrevistador preguntou ao delegado espanhol, a certa altura:

«Teve a Exposição, em plena guerra, a importância tradicional do certame venesiano? o esplendor das outras vezes?

A estas preguntas Joaquim Soriano respondeu assim:

«Teve um rigor técnico como não há memória. Foi êle que caracterizou o ambiente da competição. O Lido estava êste ano despojado do seu tom alegre, da sua frivolidade. A concorrência foi, especialmente e em número fora do habitual, de gente do cinema de todos os países, críticos, jornalistas, delegados oficiais, etc.».

A uma observação do jornalista reveladora da convicção de que a produção espanhola fôra decerto beneficiada pela circunstância de se tratar de um país amigo que concorria pela primeira vez, o representante da Espanha respondeu como segue:

«Quero contestar essa insinuação com duas coisas. A primeira é que o público que acorre às exibições das películas concorrentes é o mais difícil que tenho encontrado na minha vida. Sem qualquer espécie de contemporizações, exterioriza a sua reprovação quando um filme, ou simplesmente uma cena, não o satisfaz, seja de produção estrangeira ou italiana. As películas espanholas foram tôdas largamente ovacionadas. A crítica actua também sem contemplações. E, se bem que nem a crítica nem o público decidam da classificação, as suas reacções não deixam de influir. Em segundo lugar quero dizer-lhe — e isto é o mais importante e o mais convicente, porque os negócios são os negócios — que os representantes de outros países, ao verificarem a qualidade das películas espanholas, apressaram-se a tratar da sua apresentação em países onde não só nunca se viu um filme espanhol, como nem sequer se suspeitava que tivessemos produção que pudesse interessar.

O desejo que manifestaram de que cheguem filmes espanhóis aos seus países, não se refere apenas aos premiados mas a tôda a nossa produção, pois supõem, por reflexo, que tôda ela é razoável. Daqui se deduz que o nosso triun-

(Conclui na pág. 11)

ERMETE ZACCONI



A Taça Volpi para a melhor interpretação masculina foi êste ano atribuída em Venesa ao grande actor italiano Ermete Zacconi, pela sua criação em «Don Buonaparte». Eis uma decisão que se aceita, sem mais explicações. Quem viu «As Pérolas da Corôa», de Sacha Guitry, decerto não esqueceu a interpretação poderosa dada por Zacconi à figura do Pontífice. Bastou êste papel para dar uma idéia do que pode «render» no cinema a experiência, o rigor de expressão, a dicção maravilhosa, o magnífico talento e o poder de «presença» do célebre artista italiano.

Zacconi, ao contrário do que muita gente supõe, não é novato no cinema, não esperou pelos oitenta anos (que hoje já ultrapassou) para se interessar e dedicar ao cinema. Data, pelo menos, de 1912 a sua estreia no cinema — pois nêsse ano interpretou um filme, «Padre», exibido com o maior êxito em Itália e no estrangeiro.

Como é sabido, Zacconi não veio a Portugal apenas no celulóide do filme de Sacha Guitry. Há cêrca de vinte anos deu, com a sua companhia, uma série de espectáculos no palco do S. Luiz. — T.

PANORÂMICA

UMA SOVA MESTRA

Só hoje temos oportunidade de assinalar aos leitores do «Animatógrafo» um artigo notável em que o nosso camarada de redacção dr. Domingos Mascarenhas desmascara os intuitos e a incompetência do autor dum folheto pseudo-cinematográfico recém-publicado. Veio êle a lume na «Acção» de 21 de Agôsto (n.º 18) e intitula-se: «O Cinema em marcha ou um caderno azul por fora e vermelho por dentro».

Nunca é demais chamar a atenção do leitor incauto para as armadilhas, quási sempre de índole política — da política mais suspeita e menos aconselhável, claro está! — que se ocultam por trás de aparências desassombradas e desinteressadas. A voga dos folhetos de divulgação presta-se a uma propagandazinha subversiva das mais graves e, infelizmente, das mais eficazes. O interêsse que a discussão dos problemas cinematográficos consegue suscitar é óptimo conduto para êsse género de perfídias.

Bem haja pois a sova mestra infligida por Domingos Mascarenhas num triste senhor que nem sequer teve o cuidado de fingir que «pescava daquilo»!

UM ÊXITO SEM IGUAL

É verdadeiramente consolador verificar o êxito sem igual alcançado pelo filme português «O Pai Tirano». O Eden bate todos os seus próprios «récords» de afluência e de receita. Nunca nenhum filme, português ou estrangeiro, atingiu as cifras obtidas pelo «Pai Tirano» quer na primeira quer na segunda semana de exibição. E a terceira semana vai pela mesma.

O público compreendeu que se começara a pensar nêle no capítulo de filmes, indo de encontro às suas preferências, sem que fôsse preciso transigir com o mau gôsto, sem tentar meter-lhe os dedos pelos olhos dentro. Da plateia ao segundo balcão, passando pelo primeiro balcão, pelas frizas e pelos camarotes, o agrado é o mesmo. As gargalhadas constantes que provoca não vêm só de cima ou só de baixo, dali ou dacolá: irrompem de tôda a sala, num unísono consolador.

E podemos garantir que o incentivo que tal atitude representa não caíu em saco rôto.

A PROGRAMAÇÃO DA FOX FILMES, LDA.

Recebemos há dias o catálogo da Fox Filmes, Limitada, para a temporada 1941-42. Pode dizer-se que é verdadeiramente sugestivo o lote de filmes anunciados. Na impossibilidade de citarmos todos os filmes, indicamos a seguir alguns dos mais importantes: «Sangue e Arena», de Mamoulian, «Uma noite no Rio», com Carmen Miranda, Alice Faye e Don Ameche, «Férias em Havana» também com Carmen Miranda, «Um americano na RAF», com Betty Grable e Tyrone Power, «Conquistadores» de Fritz Lang, «Miami» com Betty Grable, «Lembras-te daquele dia?» com Claudette Colbert, «Jantar no Ritz» com Annabella e David Niven, «A tentação do circo», com Dorothy Lamour e Henry Fonda, «A Madrinha de Charley», «Maré Cheia» com Jean Gabin e «Correspondente Especial» (ambos de Fritz Lang), «Águas Sombras», de Jean Renoir, etc.

Além dêstes filmes estão também anunciados «Vale do Tumulto» («How green was my valley»), de John Ford, uma produção de Ernst Lubitsch com Ginger Rogers, a realizar ainda, e «Pitt, o vencedor de Napoleão», com Robert Donat, a produzir em breve.

LUGAR PARA OS NOVOS!

Para falar com franqueza, apeteceu-me encabeçar êste artigo com uma exclamação que deve ser galicismo danado, daqueles de fazer tremer os puristas da língua: Lugar aos novos!... Tentei-me a fazê-lo porque sinto nessa exclamação, não sei porquê, mais fôrça persuasiva, mais impulso; e eu gostaria que êste artigo possuisse uma e outra coisa, pois considero de capital importância o que nêle se vai dizer. Mas as descomposturas dos Mestres produzem sempre os seus efeitos, mesmo naqueles que aparentam desdenhá-las. Por isso resisti à tentação — embora não resistisse à fraqueza de escrever êste inútil proémio...

Arrumado «proustianamente» êste caso de consciência, pela confissão, a um tempo descarada e sofismada, das nossas próprias dúvidas, urge explicar de que se trata.

Trata-se nem mais nem menos do que aconselhar aquêles de quem possa depender a futura produção cinematográfica nacional a darem lugar à gente nova no pôsto mais delicado e fundamental da hierarquia cinematográfica: o pôsto de «encenador», que um mau hábito faz substituír levianamente pelo têrmo de «realizador», o que nem sempre se justifica.

Pede o autor destas linhas licença para lembrar que êle próprio, ao contrário de Frei Tomaz, procura dar o exemplo.

Os filmes que vai produzir imediatamente serão encenados por pessoas que «realizam» pela primeira vez. E isso porque acredita, como é notório, que o Cinema português só pode emancipar-se se produzir continuamente. E não faz sentido que se retarde mais a experiência dos novos elementos susceptíveis de ingressar no quadro de «realizadores» que é preciso constituír.

Não se imagine, no entanto, que é possível, por agora, ir desencantar talentos fora do meio cinematográfico, constituído pela gente dos estúdios, pelos que, no teatro ou nas belas-artes, se interessam a fundo pelas coisas da tela, pelos que, nos jornais, acompanham «profissionalmente» a actividade cinematográfica. Aí e só aí há que ir buscar, por enquanto, os novos encenadores. Não é dos bancos da escola, e muito menos dos bancos pròpriamente ditos, que podem surgir à maneira de milagre, os directores de filmagem necessários. Há que ir buscá-los onde se tem a certeza que adquiriram o «latim» do ofício, a indispensável «basezinha». Por nós, o nosso campo de prospecção actual não vai além dos actores-ensaiadores com manifesto sentido do cinema, dos assistentes e dos montadores com provas dadas, dos críticos que levam o amor e o conhecimento da cinematografia ao nível elementar de saber de cór os nomes dos realizadores e dos artistas, reconhecendo os primeiros pelo estilo e os segundos pela cara.

Aviso aos nossos simpáticos e ingénuos correspondentes de todos os dias, que imaginam que são capazes de revolucionar o Cinema nacional pelo simples facto de se sentarem ao lado da «câmara» numa cadeira de lona com o nome dêles pintado nas costas!... Supõem que, dêsse trono omnipotente, é só pedir por bôca um cenário assim, uma iluminação assado, um «ângulo» cozido e um intérprete frito... Ó que fita maravilhosa que êles fariam, se lhes dessem o Cedric Gibbons para decorador, o Clyde de Vinna para operador, o Gary Cooper e a Greta Garbo para intérpretes!... E nós dizemo-lhes, apenas com o remorso de lhes cortar o seu tocante entusiasmo, que o filme que conseguissem impressionar nunca mais passaria num «écran», pela impossibilidade total de ser «montado». E isto é tão verdade — que nem sequer podem perceber o que nós queremos dizer com isto.

Lugar para os novos!... «Place aux jeunes»!... Mas aos novos que «envelheceram» a matutar nos problemas complexos que a filmagem do plano mais simples propõe, no estúdio, a umas quinze ou vinte pessoas ao mesmo tempo; aos que respiraram durante anos o cheiro do celuloide e da acetona, do ozone e da maquilhagem. Os novos em fôlha — ou, melhor, os novos em «lata» — êsses têm que entrar, como nós todos, pela portinha dos mirones, abichar um lugar de ajudante de qualquer coisa, abrir muito bem os olhos e os ouvidos, subir pelos seus próprios méritos, a trabalhar como pretos, crescer — e aparecer.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A S. I. F. APRESENTA OS MELHORES FILMES DA WARNER

A Sociedade Importadora de Filmes trás êste ano a Portugal uma lista de filmes indiscutìvelmente importantíssima, todos da Warner Brothers, a grande emprêsa de Hollywood que esteve tanto tempo afastada das nossas telas. Assim, a S. I. F. apresentará durante a temporada 1941-42, no Politeama e noutros salões, dois filmes de William Wyler «A Carta» e «Vitória Negra», ambos com a grande actriz Bette Davis; a famosa película de Frank Capra «Meet John Doe» que se chamará em português «Um João Ninguém»; oito filmes de Michael Curtiz, especialmente «Vida Nova» (Dodge City), «O Homem Perfeito», «Izabel de Inglaterra», «Quatro Filhas», com as irmãs Lane, e o célebre «Anjos de Caras Negras» com James Cagney; quatro filmes de Edmond Goulding: «Não estamos sós» (com Paul Muni), «A Patrulha da Alvorada» (nova versão do famoso filme exibido há anos com o mesmo título), «Cinzas do Passado» (com Bette Davis) e «Novos Horizontes»; três filmes de Anatole Litvak, dois dos quais são de grande classe: «Tudo isto e o céu também» (com Charles Boyer e Bette Davis) e «As Irmãs» (com Bette Davis e Errol Flynn); etc.

Além destas 18 produções da maior categoria, a S. I. F. apresentará outras vinte, algumas das quais absolutamente invulgares, e tôdas dirigidas e interpretadas por artistas de grande prestígio.





Paderewski, o notável homem de estado e pianista morto há meia dúzia de dias, vai ser consagrado no Cinema pela WB numa fita cujo argumento foca a sua biografia.

Eis mais um indício da aceleração da vida actual, que dia a dia caminha para a vertigem. Paderewski morto ontem é biografado hoje, como se tivesse vivido há séculos. Os factos da sua vida, que ontem seguimos apaixonadamente através o noticiário dos jornais, terão para nós, dentro em breve, o mesmo sabor lendário das aventuras de Napoleão.

Hoje em dia, vive-se mais num ano que, mesmo no século passado, se vivia durante tôda uma vida. E — indagadas as causas de tam desconcertante fenómeno — descobrimos que o Cinema não lhes é alheio, tal como acontece, por exemplo, à T. S. F., à aviação e, duma maneira geral, a tudo o que pelo seu ritmo vertiginoso encurta distâncias ou suprime o tempo.



Mas não fica por aqui a actual tendência para a precipitação, pois precipitada é também a resolução de John Murray Anderson, que vai editar uma fita consagrando os 28 anos de cinema de Cecil B. de Mille. É também uma espécie de biografia cinematográfica, contada por meio de certas cenas das fitas do realizador e de factos históricos da sua carreira, muitos dêstes interpretados pelas estrêlas de outros tempos, tais como Gitta Alper e Clara Kimball Young.



Charlie Chaplin, levado aos tribunais por Bercovici, que o acusa de lhe ter roubado a ideia do seu último filme (Great Ditactor), teve de depositar, prèviamente 5 milhões de dollares (125.000 contos) para continuar em liberdade. E lembrarmo-nos nós de que êste homem (que dispõe de milhões com esta facilidade) tem sido o paladino dos pobres e dos desgraçados... Charlie Chaplin, o Charlot pobre-diabo das fitas, é o milionário Charlie Chaplin da vida real. Só o cinema tem o condão de operar êstes milagres...



Anatole Litvak, realizador de Hollywood, acaba de ser processado e multado em 200 dollares por ter violado pela vigésima vez as leis do trânsito nas ruas da capital cinematográfica. Ao mesmo tempo, foi-lhe retirada por 60 dias a licença de motorista. O *Variety*, que publica esta notícia na primeira página, dá-lhe o título «Litvak's 20th Ticket; And It's Not a Fox Contract», cuja significação é esta: «O 20.° bilhete de Litvak; e não é um contrato da Fox». A parte espirituosa perde-se na tradução, porque, em Hollywood, a Fox (companhia produtora de fitas) é conhecida pela designação «20th» (20.°).

Os «secundários»... de primeira ordem

DONALD MEEK

Animatógrafo resolveu chamar a atenção do público para as vedetas impròpriamente designadas pelos estúdios como «artistas secundárias». O «secundário», aqui, não se refere aos méritos histriónicos, mas, apenas, à posição que ocupem dentro dos casts, onde as chamadas «stars» por fôrça das circunstâncias, têm as partes de leão...

Walter Brennan, Fay Bainter, Lewis Stone, Thomas Mitchell, Edward Everett Horton, Frank Morgan, para não citar dezenas de outros, contam-se no número dos intérpretes menos bafejados pelo favor dos «publicity-men», das revistas da especialidade e, conseqüentemente, das próprias plateias, que tantas vezes agem e reagem, por efeito da espectativa criada em redor dos nomes e das personalidades dos artistas, cujo trabalho lhes cabe apreciar.

Começando por Donald Meek, queremos marcar, com nitidez, a intenção que nos levou a dar, nas páginas da nossa revista, o lugar que merecem aqueles actores e actrizes, cujos nomes não aparecem em letras gordas nos cartazes e cujas fotos não ilustrem, com freqüência, as páginas das revistas de cinema — só pelo facto de não serem suficientemente decorativas



Donald Meek

Aqueles que viram as *Aventuras de Tom Sawyer*, *Cavalgada Heróica* e *Não o levarás contigo* lembram-se imediatamente de certo homenzinho, de calva respeitável, com o ar untuoso e falsamente submisso, que lhe advém em linha recta da sua figura insignificante, — dum ser estranho que não inspira simpatia, e que sentimos capaz de tôdas as maroteiras tramadas na sombra dos processos ilícitos... Êsse homenzinho, assustadiço, complacente perante as prepotências de outros (só para não dar aso a conflitos), que se limite a fechar os olhos quando as coisas lhe não correm bem e a contrair a bôca, num esgare clownesco, em circunstâncias semelhantes — tem sido tudo no cinema: professor, político venal, pastor protestante, caixeiro viajante, empresário de teatros de província, «manager» de boxeurs, agente de publicidade, gerente de fábricas, empregado de armazens. Nunca foi galã, nunca amou mulher alguma e nem a disputou a terceiros. Dentro do cinema, hão de concordar, que sempre é uma originalidade...

Donald Meek fez-me lembrar um trapeiro. No barril do lixo da distribuição, rebusca um daqueles papeis velhos e incolores, ou desbotados à fôrça de banais, recolhe-o amorosamente, leva-o para casa, amassa-o com o seu talento e quando no-lo devolve, surpreende-nos com a forma como o tratou e a maneira como o desenvolveu. O velho papel sem importância destaca-se pela «touche» do homem que o trabalhou. O professor de *Tom Sawyer*, era um «bit». O vendedor do «whisky» de *Cavalgada Heróica* parecia não permitir a um actor que luzisse. Quem viu os filmes não esqueceu porém, as criações de Donald Meek, que tanto contribuiram para o êxito daquelas produções. Êle soube elevar-se ao nível dos outros, dentro das obras de excepção que essas películas constituiram.

Na série «Nick Carter», de que vimos, o ano passado, *Nick Carter, rei dos detectives*, o mesmíssimo Donald Meek compôs uma figura que resultou cem por cento, e cuja actuação dentro das películas daquela série foi posteriormente desenvolvida, para ir de encontro aos bons desejos do público. O seu «Bartolomeu», criador de abelhas e vendedor de mel, detective amador intoxicado pela leitura das novelas policiais, é possívelmente a porta que lhe abre o caminho da notoriedade.

Donald Meek já não é uma criança. Tem 61 anos, bem conservados, a despeito de haver passado a vida na atmosfera esgotante dos estúdios e dos bastidores. Aois oito anos, em Glasgow (Scotland), onde nasceu, apareceu pela primeira vez no tablado. Desde então, para cá, nunca mais deixou de trabalhar. Se as ralações explicam, de facto, a queda do cabelo, a sua calva está perfeitamente justificada... Teve uma vida acidentada, como todos os artistas — e só no Teatro interpretou mais de 800 papéis! Compôs outras tantas figuras e estudou outros tantos tipos.

Um homem apetrechado com tamanha experiência, condimentada por um talento real, triunfa em qualquer parte. E Donald Meek triunfou, assim, em Hollywood, onde uma carreira com 800 papéis vale mais do que 800 cartas de apresentação e de empenho. E desde então, nunca mais deixou de trabalhar.

Além dos filmes que citamos apareceu em dezenas de outros: *Parnell*, *A rapariga de Salem*, *Artistas e Modelos*, *Doidos & C.ª*, *Anda tudo Doido*, *A Dança dos Sexos*, etc., etc.

Aguardemo-lo, agora nos últimos filmes que interpretou e que a presente temporada nos promete.

FERNANDO FRANGOSO

GLORIA SWANSON a bem aparecida

Coimbra, 1929. — Ezequiel expõe os seus desenhos e caricaturas. A academia passa, comenta... e demora-se mais tempo diante da galeria das actrizes e actores de cinema vistos através da veia satírica de Ezequiel Batoreo.

Estão representadas as estrêlas mais célebres: a Garbo, Bebe Daniels, Brigitte Helm ...e Gloria Swanson. Lá está ela com os seus olhos de garça e a bôca no gesto *atávico* de morder uma maçã, que se não vê.

Cumprindo o destino do seu nome, a Swanson é um dos grandes nomes de Hollywood.

Ela acompanhou o cinema desde o princípio, trabalhando nos estúdios de Essenay e Keystone — onde Charlot mimou as primeiras farsas. Depois foi banhista do Mack Sennett e daí passou para a direcção de Cecil B. de Mille.

A sua carreira agitada é uma ascensão contínua; mas o cinema intoxica-a: a vida privada da Swanson sofre da mesma febre de inquietação desvairada.

E tudo isto atrai a atenção do público, guloso por surpreender alguém a trocar o passo, a desmanchar o conjunto...

À roda de 1934 vemo-la em «Que viúva!», «Indiscret», «To-night or never», «Perfect understanding». Apareceu ainda em «Music in the air», e pronto. A Glória sumiu-se, a estrêla eclipsou-se, sem uma explicação, como se o público fizesse uma maldade e lhe tirassem o brinquedo das mãos.

... ...

Doze anos depois daquela tarde de Coimbra, ei-la que volta, com os seus olhos de garça e bôca em geito de morder, misto de Gina Manès e Joan Crawford, sem dizer por onde andou, como se ainda a semana anterior o seu nome andasse a bailar nas páginas do «Animatógrafo».

* * *

Fomos vê-la ao «Tivoli» em *O meu pai é um caso sério* para satisfazer curiosidade semelhante à que sente o visitante da Sociedade de Geografia ao abeirar-se dos manequins com os uniformes da Guerra Peninsular.

E assistimos pasmados à ressurreição da Gloria Swanson!

Espiámos os seus quarenta e três anos, meticulosamente, e acabámos por concluir que se voltasse a voga dos banhistas enxutas, um novo Mack Sennett a contrataria.

Dir-se-ia pronta a recomeçar a sua carreira trepidante, a interpretar o repertório da Claudette Colbert, com a «Zázá» e «A 8.ª Mulher do Barba-Azul», ou o da Joan Crawford, em «The Rain» e «Sadie Thompson» — dois argumentos que ela filmou primeiro, quando os *écrans* ainda não falavam.

O certo é que Gloria Swanson, parece solicitada pelo passado, e êsse apêlo encontra eco no seu



Gloria Swanson

próprio coração. Wallace Beery, o primeiro marido, podia evitar encontros que noutro sítio que não Hollywood seriam amargos...

Mas na cidade de cartão e estôpa a vida tem um sabor de comédia que se anda sempre a ensaiar e não chega a ir à cena.

Depois do Wallace, a Gloria casou com Herbert K. Somborn, de quem teve um filha que se chama também Gloria. Novo desengano, nova insistência: o Marquês la Falaise de la Coudray.

E a comédia continua. Agora é Michael Farmer que lhe dá outra herdeira, Michelle.

Esta aflitiva seqüência de esperanças e desilusões leva-nos a comparar a vida de Gloria Swanson com um rude combate de «box» de número interminável de «rounds»...

E como não menos violenta foi a luta que sustentou nos estúdios, onde chegou a ser produtora de si própria, a mocidade actual da artista toma foros de sobrenatural ou, mais modestamente, revela os prodígios que se podem alcançar com uma cultura física inteligente e com um maquilador que saiba do seu ofício.

Mas o que contribuiu mais para um tal resultado foi seguramente a atitude que ela, cheia de convicção, tomou de considerar a vida como mais um filme — que acusa uma realização superior, mas em que a interpretação falha estrondosamente.

A. DE CARVALHO NUNES

CINEMA DE AMADORES

EM QUE FICAMOS?

A organização de um Clube de amadores era, indiscutivelmente, a maior aspiração de todos os cineastas do pequeno formato. Com os elementos que foi possível juntar organizou-se, ainda não há muito tempo, o Clube Português de Cinema de Amadores. Conseguiu ou não, ser o C. P. C. A. a realização dos sonhos dos amadores do nosso país? Eis uma pregunta que várias vezes temos feito e sôbre a qual temos as mais variadas opiniões.

Pessoalmente, concordamos com algumas das afirmações que ouvimos, mas tôdas possuem autoridade suficiente para que lhes possamos dar crédito.

Evidentemente que a Direcção do C. P. C. A., por motivos fàcilmente compreensíveis, não se tem mantido à altura que era obrigatório que estivesse. Será bom não esquecer que quando se pensou na organização do C. P. C. A. êste devia ser, naturalmente, uma Federação de todos os Clubes de Amadores existentes em Portugal e uma união dos chamados «amadores independentes».

Ora, infelizmente para todos os que se interessam pelo Cinema de formato reduzido, o C. P. C. A. que conseguiu interessar todos os amadores portugueses não pôde manter essa posição.

Há várias alegações a fazer, e nós não culpamos A nem B por não se ter conseguido estabilizar

(Conclui na pág. 12)

A NOVA VERSÃO DE

«O Médico e o Monstro»

PRODUZIDA PELA M. G. M.

BATE TODOS OS "RÉCORDS" DE BILHETEIRA

Os leitores de «Animatógrafo» foram oportunamente informados pelas nossas «Notícias de Hollywood» de que a Metro Goldwyn Mayer comprara à Paramount os direitos da adaptação cinematográfica da célebre novela do escritor inglês Robert Louis Stevenson «Dr. Jekyll and Mr. Hyde», e começara a realização do filme nela baseado.

Podemos hoje anunciar a sua estreia, efectuada recentemente no Astor Theatre da Broadway, um dos maiores e melhores cinemas de Nova York — onde está a bater todos os «récords» de bilheteira, de todos os tempos, incluindo os de «Gone with the wind»!

O êxito é de tal ordem que foi preciso organizar um novo sistema de policiamento às portas do cinema, pois as «bichas» são ininterruptas e intermináveis. O caudal de espectadores é de tal ordem que se formam grupos imensos de pessoas, tanto dentro como fora do Astor, à espera da sua vez, e as bilheteiras têm de fechar, de onde em onde, durante algum espaço de tempo. Quere dizer: apesar das sessões serem contínuas, desde as 8 da manhã às 2 da madrugada, o Astor não dá vazão à torrente de público que quere ver a nova versão de «O Médico e o Monstro»!

Todos se recordam ainda, decerto, da produção da Paramount, exibida em 1932 no S. Luiz, e especialmente da formidável criação de Fredric March, que lhe valeu o «Oscar» da Academia das Artes e Ciências Cinematográficas, de Hollywood, para a melhor interpretação masculina 1931-32. O filme, dirigido magnificamente por Rouben Mamoulian, tinha o maior interêsse e qualidades absolutamente invulgares.

Apesar disso a M. G. M. abalançou-se a filmar outra vez o mesmo argumento, que foi no entanto preparado de novo por um dos seus melhores especialistas, John Lee Mahin. Para sustentar vitoriosamente a comparação com a película de há dez anos, a M. G. M. rodeou a sua produção dos maiores cuidados, preparou-a com todo o esmêro. E, pelos vistos, parece que não foi em vão.

A encenação do filme foi confiada a Victor Fleming, o realizador do «Gone with the wind», do «Feiticeiro de Oz», de «Lôbos do Mar», e de tantas outras películas notáveis. Para o tremendo duplo-papel do protagonista escolheu Spencer Tracy, e para as duas figuras femininas Ingrid Bergman, a admirável intérprete de «Intermezzo» (que faz o papel criado por Miriam Hopkins) e Lana Turner, a encantadora estrêla recem-despontada no céu de Hollywood. Os restantes papéis foram distribuídos a actores de categoria, como Donald Crisp, Ian Hunter, Barton Mac Lane e C. Aubrey Smith. E os colaboradores de Fleming foram recrutados entre a fina-flor dos seus técnicos: Joseph Ruttenberg para a fotografia, Franz Waxman para a música, etc.

Tal como a RKO fez com a caracterização de Charles Laughton no Quasimodo de «Nossa Senhora de Paris», a M. G. M. guarda segrêdo absoluto sôbre a caracterização de Spencer Tracy no bestial Mister Hyde. Não se publica uma única fotografia, um só desenho, uma simples descrição. Quem quiser saber como é, tem que ir ver o filme.

Foi Jack Dawn, chefe dos serviços da maquilhagem da Metro, o autor da caracterização de Spencer Tracy. O seu trabalho é unânimemente elogiado pela crítica. Temos à nossa frente recortes de vários jornais e revistas americanas e por êles vemos que o filme não foi recebido entusiàticamente apenas pelo público; os críticos manifestam idêntico agrado, exaltando o desempenho de todos os artistas, em especial Spencer Tracy e Ingrid Bergman, e o trabalho de todos os técnicos.

Para terminar, informamos melancòlicamente os nossos leitores de que não é ainda possível prever a data em que «O Médico e o Monstro» será exibido em Portugal...



Durante as filmagens de «Dr. Jekyll and Mr. Hyde», o encenador Victor Fleming dá algumas indicações a Spencer Tracy e a Ingrid Bergman

A continuïdade é um facto

O que foi a primeira volta de manivela de «O PÁTIO DAS CANTIGAS»

Segundo filme da Produção António Lopes Ribeiro

(Continuação da pág. 3)

meteu ombros à espinhosa missão de dar continuidade ao Cinema português, deu andamento a um antigo projecto, ambição de todos que, de facto, se interessam por Portugal e pelas coisas portuguesas. Todos os aspectos, todos os problemas em foco tinham sido longamente meditados por êle, e minuciosamente discutidos com os seus colaboradores nas diversas especialidades. Com a realização do projecto tôdas as conclusões foram revistas e apuradas e, dentro delas, uma apareceu com indispensável necessidade de solução: o da continuidade de trabalho dos artistas.

Evidentemente era preciso contratar os melhores para que o público português visse nas suas fitas os artistas que mais aprecia. Mas era preciso contratar os melhores e garantir-lhe trabalho para acabar definitivamente com as vedetas-relâmpago. Não se poupou a Prod. A. L. R. a sacrifícios e, hoje, tem os seus actores contratados para fazerem, num ano, pelo menos duas fitas.

Parada de estrêlas na primeira volta de manivela de «O Pátio das Cantigas»

Segunda-feira, 29 de Setembro, deu-se na Tobis a primeira volta de manivela do «Pátio das Cantigas». Dia de consagração duma ideia vitoriosa porque se começava a segunda fita do signo da continuidade. Baptismo de fogo dum novo realizador — Ribeirinho — e reaparição de Maria Paula a contracenar com dois galãs que vão ser duas sensacionais revelações para o público português. É, um, António Vilar que numa rápida aparição em «Feitiço do Império» tanto agradou; o outro, é Carlos Otero que no papel de Joaquim dos «Lôbos da Serra» se distinguiu com o seu magnífico trabalho e foi, por isso, pelas éxtraordinárias qualidades reveladas, contratado por António Lopes Ribeiro para a sua Produção.

Pois esta primeira volta da segunda fita teve uma assistência invulgar em tudo digna do seu significado. Uma verdadeira parada de estrêlas, alguns dos nomes mais célebres da nossa arte de representar que se encontram sob contrato exclusivo da Prod. A. L. R.

Entre as pessoas que foram felicitar Ribeirinho, que trabalha à frente da mesma equipa que, com António Lopes Ribeiro, realizou «O Pai Tirano», estavam Maria das Neves, Nascimento Fernandes, António Silva, Graça Maria, Leonor Maia, Maria da Graça, jornalistas, técnicos de cinema e gente de teatro que assistiram a uma parte dos trabalhos depois de recebidos pelo director da produção, António Lopes Lopes Ribeiro.



Sempre que fôr dada a primeira volta de manivela dum novo filme da Produção António Lopes Ribeiro, há-de tirar-se um «grupo». Quere isto dizer que vão tirar-se por ano, pelo menos, quatro grupos como êste que se publica, e que aparecerão nas páginas dos jornais como prova insofismável de continuidade. Êste assinala o começo de «O Pátio das Cantigas», Filme n.º 2 da Prod. A. L. R. e nele se vêem, da esquerda para a direita: de pé, entre outros, Joaquim Santos, Carlos Ribeiro, António Silva, dr. Domingos Mascarenhas, Nascimento Fernandes, António Vilar, Carlos Otero, Maria das Neves, César de Sá, Francisco Ribeiro, encenador do filme, Jaime Silva, Filho, Graça Maria, António Lopes Ribeiro, Fernando Garcia, Maria da Graça e Carlos Barros; sentados, João Silva, Mesquita, João Mendes, Constantino Esteves, Perdigão Queiroga e Leite Rosa

O BAPTISMO CINEMATOGRÁFICO DE Maria das Neves QUE ESTEVE ATÉ AGORA INEXPLICÀVELMENTE AFASTADA DO CINEMA PORTUGUÊS

A prova de Maria das Neves

Na quarta-feira Maria das Neves subiu ao camarim de maquilage pela primeira vez para trabalhar em «O Pátio das Cantigas». Não se tratava de filmar já para a fita mas sim para as provas cinematográficas, destinadas a verificar qualquer correcção a fazer, qualquer alteração no penteado, no tom de maquillage.

Já dentro da pele da «Sr.ª Rosa» do «Pátio das Cantigas» a que dá forma notável, Maria das Neves riu, sorriu e representou para a câmara e para o microfone. Francisco Ribeiro, César de Sá, Sousa Santos e António Vilar verificaram tudo quanto queriam... que foi, afinal, verificar que Maria das Neves é daquelas actrizes que não precisam de provas.

O êxito do «Pai Tirano» — Todos os «records» batidos

Entretanto «O Pai Tirano» segue a sua carreira triunfal. À ideia da produção contínua respondeu o público com enchentes contínuas, umas atrás das outras sempre de lotação esgotada.

Na primeira semana, 16.000 pessoas viram no Eden «O Pai Tirano». Na segunda semana a afluência de espectadores manteve-se sem baixar. A terceira semana começou e continua a encher-se completamente uma das maiores salas de Portugal que, simultâneamente regista com êste programa nacional as maiores receitas de tôdas que até hoje obteve.



Francisco Ribeiro (Ribeirinho) dirige no estúdio da Tobis Portuguesa a sua primeira cena para o cinema. Estreia auspiciosa dum encenador com tôdas as qualidades requeridas para tão espinhoso encargo. A seu lado vemos seu irmão, António Lopes Ribeiro, director de produção de «O Pátio das Cantigas» e o anotador Constantino Esteves

A PÁGINA DOS NOVOS

CHARLES BOYER

Poucos têm sido os actores franceses idos para Hollywood, que conseguiram manter a sua carreira e firmar-se numa posição prestigiosa igual à dos astros consagrados.

Charles Boyer conseguiu êsse desiderato e ocupa hoje um dos primeiros lugares entre os mais talentosos actores de Cinema. Figura culta, pois é formado em Filosofia, foi um dos mais brilhantes ornamentos do teatro francês e a sua carreira cinematográfica, iniciada já há alguns anos, está esmaltada de excelentes criações e ligada a alguns dos mais belos êxitos da Sétima Arte. Primeiro no seu país, adquire notável notoriedade em filmes como «Liliom». «Traição», «O Gavião», série de sucessos coroada com «Mayerling», onde tinha uma criação inesquecível, filme que impôs o cinema francês na América e que, a cada passo, é «reprisado» no Brasil. Infeliz, inicialmente, no Novo Continente, em breve impôs o seu talento inconfundível brinda o público fiel, onde predomina o elemento feminino, com soberbas interpretações em filmes como «Mundos Íntimos» «Xangai», «O Jardim de Allah», «Um ladrão na noite», «O Fugitivo desceu à cidade», «Maria Walewska», «Êle e... Ela», etc. A maneira como viveu a figura do grande Côrso, em «Maria Walewska», causou grande celeuma da crítica, havendo quem o apodasse de ridículo e outros que consideraram a sua interpretação superior à da divina Garbo, Clarence Brown, o encenador do filme, quando passou em Lisboa, afirmou que a responsabilidade da maneira como a figura de Napoleão tinha sido vivida, cabia ùnicamente a êle. No seu rosto expressa, como poucos, tôda a gama de sentimentos que se entrechocam na alma do protagonista, e a dicção é considerada a mais perfeita de todos os astros de Cinema. Além disso, as meninas cinéfilas, que acorrem com o coração alvoroçado aos seus filmes, apreciam-lhe os olhos que são a causa de muito «cuidar e suspirar».

As mais insignes e belas estrêlas, como Marlene, Annabela, Danielle Darrieux, Loretta Young, L. Harvey, Kat Hepburn, Irene Dunne, Hed Lamarr, Claudette Colbert, Bette Davies, Greta Garbo, Margaret Sullavan e ùltimamente Olivia d'Havilland e Paulette Godard, têm contracenado com êle.

O seu real talento não tem sido, por vezes, aproveitado na justa medida, mas na próxima época vê-lo-emos em duas super-produções, em que reafirma de maneira incontestável as suas enormes possibilidades, ao lado de duas das maiores actrizes que até agora animaram os «écrans». São elas: Bette Davies em «All this and Heaven too», premiado pela Academia Americana e que bateu os «récords» de exibição no Rádio City Music-Hall de New York e Margaret Sullavan em «Back Street», outro êxito clamoroso.

Assim prossegue triunfalmente a sua carreira o feliz marido de Pat Patterson, conversador agradabilíssimo e fumador impenitente.

JOSÉ BARBOSA

Mickey Rooney: O ídolo

Mickey Rooney... um nome... um cartaz... E o público aflui... Aflui, porque vai ver Mickey Rooney... Aflui porque vai ver representar na melhor acepção desta palavra... Aflui porque vai ver exteriorizados na sua melhor expressão sentimentos ou — paixões, pensamentos ou actos... E tudo isto ligado por um fiozinho de intriga, de drama ou farsa, de história ou lenda que, consoante o argumento, êle vive, mas sempre, sempre bem... sem excepção... Lembremo-nos por exemplo de dois filmes completamente diferentes.

Em «Homens de Amanhã» a cena do atropelamento do amigo de Mickey e em «De Braço Dado» a cena da compra do exclusivo do «Good Morning»... Num o drama, a tristeza, ressaltando em cada imagem... noutro a comédia, a alegria esfusiante...

E em ambas as formas, no drama como na farsa, o ídolo foi sublime...

Passemos à história e lembremos o «Pequeno Génio» e... não há palavras que definam Mickey no papel de Tom Edison. Talvez, mas mediocremente o título do filme...

Sim, Mickey Rooney é na verdade um pequeno génio.

Mas êle não possui, no dizer das raparigas, o atractivo que elevou Rodolfo Valentino ou Bob Taylor!?...

Como conseguiu êle isso?

Conseguiu porque firmou uma personalidade; conseguiu porque possui «Star-power»; conseguiu finalmente porque reúne em si os predicados necessários a tôda a gente em geral, e particularmente a um astro.

É que êle, qualquer que seja o género de filme que interprete, encarna o seu papel vivendo o personagem, sem contudo abdicar da sua personalidade; continua a ser o mesmo «Disparate Ambulante» apenas com o senão requerido pelo género do papel. É o Mickey de sempre... o ídolo... o grande. É êle...

Quem o não recorda... quem não ficou logo entusiasmado na curta cena em que êle nos aparece ao lado de Robert Montgomery em «Viver, amar e aprender»? Quem não se emocionou com a sua interpretação em «Companheiros de rua» lado a lado com êsse outro grande astro que é Wallace Beery? E em «Proezas de Huck Finn»? E em todos os outros filmes?...

É que Mickey Rooney marcou uma personalidade e um temperamento novos no cinema; não os deixou e de vento em pôpa singrou de tal modo que hoje, êle não precisa representar para obrigar o espectador a considerar-se satisfeito, não... o espectador sorri ou entristece só à simples vista dêle. O seu aparecimento no rectângulo fotográfico do filme, basta para que o espectador pressinta o astro na sua pujança, no seu real valor. Vê uma pequena figura de pessoa mas, por baixo, adivinha a palavra Actor com A...

É êle é ÊLE.

Nos anúncios aparece muitas vezes: O grandioso filme X interpretado por Fulano de tal o sucessor de Valentino...

O filme Y interpretado por Cicrano o digno sucessor de Z...

Estes têm a sua glória relativa a outros, aquele é o Astro, é o Mickey, é o ídolo. É apenas comparado às figuras que interpreta, às figuras que vive. E isto porque êle criou uma personalidade que perdurará, que amanhã outros desejarão, mas que será sempre a de Mickey... a do Mickey Rooney. Foi para isso que êle passou de Joe Yule que era, a Mickey Rooney que é.

E é por isso que êle é o Mickey... é por isso que êle é o... ÍDOLO.

CAVALEIRO DO IDEAL

Filmes padrões

Na história do Cinema há, como em qualquer outra história, datas padrões. Estas são marcadas por factos memoráveis, revoluções técnicas ou bélicas, descobertas científicas ou ainda, de maneira geral, por um passo mais agigantado do Progresso.

Há datas que passam no rodar dos tempos mas que deixam longas vibrações nas almas. Datas são sínteses, concentrações de lembranças, punhado de sensações na retrospecção efemérica de realidades vividas. Como marcos nas bermas das estradas, há, na história do Cinema, datas que diferem uma época, que marcam um hora de progresso: — são as datas padrões.

Assim o filme. «Parada do Amor» marca o triunfo do Sonoro, a data Padrão que finaliza o domínio do cinema mudo e que inicia os passos, mas já seguros, do som aliado à imagem. Passam dias, meses, anos, até que se atinge um grau elevado de técnica cinematográfica com o «filme padrão «Uma noite aconteceu...» O preto e branco atinge o seu auge. A sonorização é perfeita. Julga-se que não será mais possível elevar a um plano superior a quási perfeição, a maior perfectibilidade que se poderia alcançar, aliando a imagem a preto-branco com o som, que até aí, se tinha desenvolvido.

Rodam anos, não muitos, e não tarda que a Ciência pretenda (o que hoje já conseguiu) unir a todos os predicados que já tinha a arte cinematográfica, e que não eram poucos, a fotografia a côres naturais. Aparece o filme «La Cucaracha». Mais uma data-padrão tinha surgido na pequena mas já brilhante História da arte dos nossos encantos.

A côr aparecia, ainda vacilante, e foi-se aperfeiçoando cada vez mais até atingir um grau muito elevado de técnica, percepção e visão. Atingiu o cúmulo na presente época, com o filme «Robin Hood» (opinião pessoal). E pensa-se: até onde nos levará a curiosidade do homem, curiosidade benéfica, que se define em progresso, invenções e benefícios? Leitores: não faltará muito tempo que não apareça um outro filme-padrão. E êsse, não será preciso armar em Bandarra, marcará o começo da era do relêvo.

Em resumo: movimento natural, simplificação de côres, naturalidade das mesmas e sensação visual do relêvo eis as principais datas que todos os cinéfilos devem reter da parte da história cinematográfica que começa com o advento e triunfo do som.

Datas! Datas são índices que a máquina do tempo inscreve nas suas páginas para que sempre sejam lidas e interpretadas por todos os que queiram ter a satisfação do saber e não ficarem para sempre na ignorância do passado que, muitas vezes, se reflete no presente e irá, talvez, com a sua experiência, guiar as operações do futuro.

OUBLI

A FEIRA DAS FITAS

«A última fronteira»

(«The Westerner»)

A última obra de Wyler é uma fita de tal maneira perfeita, em todos os seus aspectos, técnicos e artísticos, que se torna difícil numa apreciação estabelecer uma ordenação de valores e falar primeiro da interpretação dêste ou da fotografia daquele. Produzida por um dos maiores chefes de cinema — Samuel Goldwyn, e realizada por William Wyler, encenador que nos maravilhou com o «Veneno Europeu», com as «Ruas de Nova-York», com o «Monte dos Vendavais» e com tantas outras maravilhosas fitas, a «Última Fronteira» é uma fita diferente embora desenhada sôbre um tema velho e usado, talvez o mais usado do Cinema americano sob outros aspectos, claro. É diferente principalmente pelo ritmo com que conta a história e se representa em cada momento, diferente porque, sendo o Oeste americano tratado a sério e com cuidado não tem a agitação da «Cidade Turbulenta», nem a violência da «Cavalgada Heróica». Com uma maravilhosa segurança e riqueza de pormenores na interpretação os momentos dos episódios decorrem pausadamente, enquanto os episódios se apresentam uns logo a seguir aos outros sem introdução, sem preambulos, numa mistura de lento e rápido que dá à fita uma solidez invulgar. Os primeiros momentos são vulgares. Em rápidas imagens desenha-se o ambiente, descrevem-se as fôrças em conflito e entra-se a fundo na acção com o primeiro julgamento do Juiz Brean. Depois continua-se sem perda de tempo com a apresentação do protagonista já lançado em complicações e julga-se, condena-se à morte e faz-se intervir a heroína, acção atrás de acção. No entanto, «Cole Harden» (Gary Cooper) vem com o cavalo a passo, entra com vagar, é julgado com vagar, como se uma propositada suavidade no contar da história dentro da rapidez dos episódios sàbiamente preparados, ali estivesse para nos suspender da história. Um dos momentos culminantes, o do anel de cabelo, hàbilmente preparado, surge de chofre mas decorre tranquilamente na cena das tesouradas (portentosa!). E quási logo a seguir, quási com brutalidade, surge em duas marteladas o incêndio das searas que na mais violenta reviravolta de situações transforma a paz e a felicidade em guerra atroz e sangrenta.

A nossa atenção prende-se desde as primeiras imagens aos intérpretes. Gary Cooper, sóbrio, mais velho, seguro e minuciosamente impecável; Walter Brennan dando extraordinária forma ao Juiz Bean com suas súbitas suspensões de desconfiança e gravidade, com os lampejos ingénuos que, volta e meia sobrenadam a sua violência, manha e venalidade; Doris Davenport voluntariosa e feminina (ferozmente feminina) «Miss Mathews» uma tímida sem mêdo; e Paul Hurst e Tom Tyler e todos prendem-nos a acção representando com segurança categórica desde as primeiras imagens. Mas atrás da interpretação sente-se o dedo que conduz cada um dos episódios sem gesto a mais, com tudo o que fazia falta, com os pormenores mais extraordinários, com interêsse sempre crescente dentro de cada cena, o dedo do realizador William Wyler cujo trabalho, acima de apreciações, não sabemos que mais admirar se a segurança com que dirige os actores, se o gôsto e o «sentido» com que escolhe ângulos e enquadramentos, se a verdade com que marca os «tempos» da representação. Quanto a nós está exactamente no tempo de representação a maior e mais original vitória de Wyler neste filme pelo difícil mas arrebatador contraste com a velocidade da seqüência.

Por êste resultado devem ir grande parte dos parabens para os autores do «screen-play» Jo Swerling, Niven Busch e Stuart Lake, tão felizes de urdidura como de diálogo.

Não foi menor o auxílio que à obra de Wyler deu Gregg Toland, operador consagrado em tantos êxitos que aqui volta a ter fotografia maravilhosa, com exteriores duma beleza violenta e pesada que acertam com a atmosfera psicológica da acção e, até, com a «maneira» de Wyler que, mesmo no estilo diferente que procurou, é, em globo, evidente. «A Última Fronteira» deve considerar-se fita perfeita em todos os aspectos. Devíamos, pois, falar aqui de mais alguns colaboradores do que os citados. Mas é tão grande o valor do trabalho dêstes que os deixamos isolados sem citar os que são em tôda a parte anónimos prestando-lhe homenagem apenas nesta referência. — F. G.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que nêle merece atenção especial

«A ÚLTIMA FRONTEIRA» (Sonoro-Filme)
- **A história devida a JO SWERLING, NIVEN BUSCH e STUART LAKE, que pela intensidade e pelo valor dos diálogos foi a magnífica base desta fita.**
- **A actuação de todos os intérpretes e em especial de WALTER BRENNAN (Roy Bean), GARY COOPER (Harden) e DORIS DAVENPORT (Miss Mathews), inescedíveis.**
- **WILLIAM WYLER que com história e tão bom grupo de astistas, realizou tão bela fita.**
- **O operador GREGG TOLTALAND que a fotografou magnificamente.**
- **Todos os outros técnicos e colaboradores responsáveis pelo trabalho perfeito com que colaboraram com o realizador.**

«O MEU PAI É UM CASO SÉRIO» (Radio Filmes)
- **O reaparecimento de GLORIA SWANSON, que continua insinuante e boa actriz.**
- **A interpretação de ADOLFE MENJOU.**

«O meu pai é um caso sério»

(Father takes a wife)

O principal interêsse desta comédia-farsa está no reaparecimento de Glória Swanson. É justo dizer que a famosa vedeta de outros tempos não acusa o longo afastamento dos estúdios nem o pêso dos anos. Glória continua sedutora, não perdeu uma parcela sequer da sua forte personalidade e demonstra que não sofreram qualquer diminuição os seus indiscutíveis dotes de actriz. Noutra página dêste número encontrará o leitor alguns desenfastiados comentários com que o nosso camarada A. de Carvalho Nunes saüdou o regresso da ex-Marquesa de La Falaise à actividade cinematográfica.

O filme pertence ao género destrambelhado, hoje um pouco batido, mas que continua a arrancar gargalhadas ao público. Algumas das situações são bem achadas e desenvolvidas, e, como foram interpretadas por actores experimentados, divertem fartamente os espectadores que apreciam o género — que são, no triste momento actual, cada vez em maior número.

Dos restantes intérpretes destacam-se Adolfe Menjou, como sempre acontece, e a simpática Florence Rice. — M.

Ecos da IX Exposição Cinematográfica de Veneza

Considerações à margem da vitória espanhola

(Conclusão da pág. 4)

fo em Veneza beneficia tôda a produção espanhola, para a qual se abriu novo crédito no mundo».

E acrescentou, mais adiante, depois de voltar a sublinhar a sua estranheza pela «fria passividade» que veio encontrar em Espanha:

«O que sucedeu foi nada menos do que isto: a Espanha tem hoje uma personalidade internacional no Cinema, e isso é benefício para tôda a nossa produção, e é motivo de alegria e orgulho para todos os que sinceramente querem que o cinema espanhol chegue à sua devida altura, o mais ràpidamente possível».

Quando chegará o momento de um português fazer idêntica afirmação?

E Portugal?

À pregunta que deixámos sem resposta no fim do parágrafo anterior só devemos replicar de uma maneira:

É preciso fazer tudo para que Portugal possa, já para o ano, sentir a mesma alegria e o mesmo orgulho que o delegado espanhol pôde exprimir.

Estamos actualmente a trabalhar a sério no Cinema, como nunca até aqui. Pelo menos há quem trabalhe a sério no cinema nacional. É necessário que todos se dediquem ao problema com idêntica compreensão e equivalente boa vontade.

E depois é necessário que não deixemos de aparecer em Veneza ou aonde fôr preciso. A. de Carvalho Nunes disse calcular que não comparecemos ainda na Bienal por modéstia ou orgulho. Pois há que trabalhar para que desapareça a desculpa da modéstia (quanto ao pretexto do orgulho — o nosso camarada decerto falou nele por ironia...). Mas devemos ainda ter em atenção que seria imperdoável a nossa falta se, afastada a justificação da modéstia, fôsse motivada por esquecimento ou desleixo.

D. M.

CARTAS DUM CINÉFILO

Supra sumo dos directores:

Agora que o Cinema português está a ter um grande incremento como parece compreender-se da produção que o sr. promete e das que outras individualidades também anunciam, permita-me alguns conselhos, pelos quais não lhe levo nada.

As fitas que o sr. anuncia são tôdas de ambiente popular. O «Pai Tirano» é assim e o «Pátio das Cantigas» vai pela mesma. O sr. está a fazer cinema no género do que fazia o René Clair, Sam Taylor, Archie Mayo e entre nós Leitão de Barros. Mas devia tentar outros géneros também de agrado para o nosso público. Por exemplo filmes policiais. Arranjar assuntos tétricos e tratá-los com vigor, à maneira de Fritz Lang ou de Adolfo Coelho. Verá que é um êxito.

Fui procurá-lo ao estúdio da Tobis para o felicitar pessoalmente pelo êxito da fita e, ao mesmo tempo, saber se já tinha algum cargo para eu desempenhar. Afinal não consegui falar-lhe porque o porteiro disse-me que o sr. não estava. Preguntei pelo seu irmão Francisco Ribeiro e também não estava. Depois quis falar ao seu tio Carlos Ribeiro e também tinha saído; preguntei pelo seu primo Fernando Garcia e também não sabiam dêle; o seu sobrinho César de Sá, idem; o seu filho adoptivo João Mendes também tinha ido dar umas voltas. Desisti, mas volto lá noutro dia.

Já sei que para o «Pátio das Cantigas precisavam dum galã que soubesse tocar viola. Porque não me mandou chamar a mim? Toco viola muito bem e como, deixe-me ter esta vaidade, não sou peste nenhuma, podia muito bem fazer êsse galã.

Com que então o sr. Artur Duarte lá vai realizar mais um filme. Desta vez é o «Costa do Castelo». Deixe-me dizer-lhe que tenho uma grande admiração por êste rapaz. Desenvolve uma grande actividade no cinema. Ora trabalha como assistente num filme, ora como actor noutro. E no intervalo dêsse filme para o outro anuncia sempre que vai realizar também uma fita. Já vê que é trabalhar. Sei que o sr. vai breve produzir a «Mantilha de Beatriz», cuja acção se passa pouco mais ou menos entre os séculos quinze e dezoito. Acho que devia entregar a realização dêste filme a Artur Duarte. Veria a volta que êle lhe dava. Fazia logo de entrada o mesmo que fez aos «Fidalgos da Casa Mourisca» que também eram dum século atrasado e êle pôs à moda. Tinhamos a Beatriz com um lindíssimo chapéu de último modêlo em vez de mantilha e assim é que devia ser.

Por hoje não lhe roubo mais tempo e dê cumprimentos meus à grande família cinéfila.

Ignácio da Purificação

CINEMA DE AMADORES

EM QUE FICAMOS?

(Conclusão da pág. 7)

a situação alcançada. São em parte os amadores os culpados de tudo isto.

Se secundaram com entusiasmo a realização dos seus desejos, porque não foram capazes de o manter durante os meses que se seguiram? Porque se afastaram na altura em que se tornava indispensável a sua presença? Qual será o motivo porque nem um único amador concorreu ao 1.° Concurso da C. P. C. A.? Por êle ser privativo dos sócios? Mas é justamente nestas e noutras coisas que está a vantagem de ser sócio do C. P. C. A.

Vejamos a questão a frio — e nós não podemos ser tomados como suspeitos visto já termos provado por mais duma vez, e por forma bem clara a nossa simpatia e o nosso interêsse, apenas por uma melhoria da situação interna e externa do cinema de amadores —, e observaremos coisas deveras interessantes.

A primeira falta foi cometida pela direcção do C. P. C. A. quando não quis chegar a um acôrdo com a direcção da Associação Portuense de Amadores de Cinema. Alegou a Direcção do C. P. C. A. várias razões, e entre elas a de que «Amadores de Cinema» era uma coisa bem mais diferente do que «Cinema de Amadores». Isto apenas pela designação oficial do Clube do Pôrto.

Permita-se-me abrir nesta altura, um parêntesis que nos afigura oportuno:—São já algumas as pessoas que nos têm inculpado de simpatisantes com os amadores portuenses, pelo facto de já por mais de uma vez termos vindo até junto do público com a intenção de defender e colocar em boa posição os amadores do Norte. A tôdas essas pessoas e aquelas que o não disseram até agora mas que o tenham pensado, respondemos da seguinte forma: Seja qual fôr a posição e a naturalidade de um amador, desde que nós vejamos nêle interêsse pelo cinema de formato reduzido e vontade de elevar mais alto, utilizando meios honrosos à cinematografia de amadores em Portugal, êsse amador pode contar, incondicionalmente com a nossa simpatia e aprovação.

Foi êste pensamento que norteou sempre tudo o que fizemos e dissemos sôbre cinema de amadores. E se temos mostrado maior simpatia pelos amadores do Pôrto, ela deve-se única e simplesmente ao facto de termos encontrado entre êles, esplêndidos elementos com os quais se deve contar para que haja — e disso temos nós a certeza — mais tarde ou mais cedo uma cinematografia portuguesa de amadores que não envergonhe os nossos compatriotas quando vista lá fora.

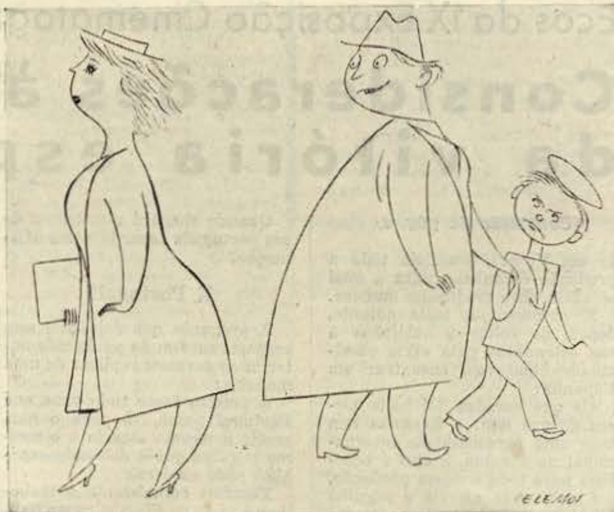
Quando da viagem de dois dos principais elementos da A. P. A. C., que vieram propositadamente a Lisboa para tratar dessa questão, alguns dos componentes da direcção do C. P. C. A., reünidos extraordinàriamente, impuseram várias alterações na proposta feita pela A. P. A. C. que foram respeitadas. Dessa reünião resultou um agradável entendimento que muitíssimo viria a beneficiar o cinema de amadores em Portugal. Todavia, uma vez reünidos todos os componentes da direcção do C. P. C. A. verificou-se que se tornava necessário fazer novas alterações. E uma carta foi para o Norte, e uma carta veio para Lisboa. Trocou-se alguma correspondência e chegou-se a uma situação que teve como resultado um rompimento de relações entre as direcções do C. P. C. A. e da A. P. A. C. Êsse rompimento de que não existem provas é todavia manifesto. E é pena que não se tenha chegado a um acôrdo, pois muito haveria a lucrar.

Sabemos e verificámos ainda recentemente, que ainda existe entre os amadores portuenses o mesmo interêsse e a mesma vontade de conseguirem realizar a tarefa a que meteram ombros.

Esperamos que todos os pequenos impecilhos que têm surgido sejam completamente resolvidos e que no próximo inverno já se possa ver mais alguma coisa do que no último.

J. M.

TÍTULOS ILUSTRADOS



«O meu pai é um caso sério»



Já estão definitivamente fixadas as datas em que vão exibir-se os filmes «The wolson of the mountain» e «Al' Arrihba». Falta apenas marcar os dias certos.

— No terceiro filme da «Production Tony Wolfes Litle River» o cineasta Francis Litle River além de interprete, autor do argumento e realizador será, também, o operador. No quarto filme será tudo aquilo e mais o decorador; no quinto além de tôdas aquelas coisas será também o engenheiro de som; no sexto, etc., etc., etc., etc....

— O montador Saint Leonard está encantado com o filme «Al' Arrihba». Já declarou que tôdas as cenas estão maravilhosas e que a do naufrágio, por exemplo, está tão realista que êle para a montar teve que vestir um fato de banho.

— Também se está a proceder à montagem do «The wolves of the mountain» que tem decorrido com certa lentidão. Não admira, a fita mete muitos cavalos e ter que montar aquilo tudo...

O HOMEM SOMBRA



MISCHA AUER

É um dos cómicos que mais tem agradado em Portugal, e que alcançou ràpidamente uma grande popularidade em todo o Mundo. Como se sabe MISCHA AUER é um artista contratado pela UNIVERSAL que o apresentará esta época em alguns filmes



A vida é um film....

filmar é revivê-la, em absoluta realidade, eternamente.....

Imprima movimento, acção, ritmo, aos vossos documentários fotográficos — e terá, assim, a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e estão obtendo os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões. Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.



Ciné-Kodak 8

O aparelho de filmar para toda a gente

KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

Marléne Dietrich e Fred Mac Murray

são os inrérpretes de «MISS MADDEN IS WILLING», que MITCHEL LEISEN vai dirigir para a Columbia

A propósito da sua volta ao trabalho dos estúdios, falámos no nosso número passado de Joseph von Sternberg e hoje, por mera coincidência, vamos dar notícias de Marlene Dietrich, dois nomes que durante largo período andaram estreitamente ligados, tanto nos «plateaux» dos estúdios como na vida privada.

Dessa colaboração, a que «Anjo Azul» deu início, resultaram vários filmes — «Marrocos», «A Venus Loira», «Fatalidade», «O Expresso de Xangai», porventura o mais feliz da série, e «Capricho Imperial» — a famigerada reconstituïção da época de Catarina da Rússia, que falhou rotundamente e contribuiu para pôr têrmo a essa celebrada associação realizador-vedeta, associação que acabou não só por prejudicar gravemente a carreira de Marlene, como por comprometer sèriamente o futuro cinematográfico do homem em quem Chaplin depois de presenciar o filme modestíssimo, mas rico de indicações e de possibilidades que era «Salvation Hunters», descobriu um realizador de talento excepcional e de personalidade invulgar.

A carreira de Marlene Dietrich em que tem havido altos e baixos, períodos de prosperidade a par de significativas estadias na Europa, sinal de perigo em Hollywood, parece estar hoje perfeitamente assente e consolidada. Depois de dois filmes, «O Anjo» e «Desejo», em que o «touch» de Lubitsch ficou nitidamente marcado, valorizando o trabalho da actriz e servindo o seu talento — nós somos dos que acreditam nêle — o magnífico «Destry Rides Again», essa «Cidade Turbulenta», recebida há dois anos festivamente na América, veio de novo consagrar a personlidade de Marlene, emprestando-lhe o brilho e o interêsse dos seus melhores tempos. «Seven Sinners» e «The Duchess of New Orléans» o primeiro filme americano de René Clair, alvo das críticas mais extraordinárias, em que, aliás, é sempre ressalvada a actuação de Marlene Dietrich, e «Manpower», o filme da Warner Bros com Edward G. Robison e George Raft, foram os seus últimos filmes, êste apresentado apenas há cêrca de um mês.

Neste momento Marlene Dietrich está de novo nos «sets» interpretando, desta vez para a Columbia, um novo filme que tem o título de «Miss Madden is Willing» e é dirigido por Mitchell Leisen, o prestigioso discípulo de Cecil B. De Mille, cedido especialmente à emprêsa dos irmãos Cohn, pela Paramount. Veio também Fred Mac Murray para seu «parceiro», aparecendo também a óptima actriz que é Aline Mac Mahon, ùltimamente fugida dos estúdios, e mais outros nomes bem pouco conhecidos que damos a título de curiosidade — Roger Clark, Marietta Canty, Ruth Ford, Stanley Ridges e Chester Clute. Theodore Tetzlaff é o operador do filme.



Marlène Dietrich

ANTONIO MORENO, grande vedeta de outros tempos, volta ao cinema em «FIESTA», de Hal Roach

Há um nome de que os cinéfilos da velha guarda, os que não falhavam uma fita em séries no Condes, no Central ou no Olímpia, por certo ainda não esqueceram, um herói cujas aventuras foram partilhadas com vedetas famosas como Pearl White ou Carol Holloway no «Anel Fatal», na «Casa do Ódio», ou no «Monte dos Trovões» e cuja simpatia e «presença» tornaram imensamente popular — António Moreno.

António Moreno, cujas pátrias Espanha e Portugal reclamavam com igual entusiasmo, foi durante largos anos um actor cheio de prestígio e de celebridade, tendo, ao deixar as séries, contracenado com Clara Bow no inesquecível «It» e com Greta Garbo na «Tentadora».

Há alguns anos, porém, deixou o cinema para viver tranqüilamente com os seus fora da atmosfera dos estúdios e de Hollywood, preferindo a quietude dum rancho na Califórnia.

Agora, porém, António Moreno voltou aos trabalhos dos estúdios, bem mais complicados e mais difíceis do que nos bons tempos, quando triunfava o cinema silencioso.

Foi num filme de oeste da Universal, «The Americanos», com Dick Foran, Leo Carillo, Andy Devine, Ann Doran, Francis Mac Donald e Mercia Ralston que o protagonista do «Naulahka» tomou contacto com o sonoro. E do que não se arrependeu desta nova experiência prova-o o facto de dias depois de concluído aquele filme ter sido contratado por Hal Roach para aparecer, como elemento de primeiro plano, no filme em Technicolor que para aquele produtor seu filho, Hal Roach Jor. e Le Roy Prinz, o conhecido encenador de bailados, estão a dirigir para a United Artists. Intitula-se «Fiesta» e nêle aparecem além de António Moreno, Armida uma jovem dançarina mexicana muito popular na América e um grupo de nomes pouco mais que desconhecidos: George Givot, George Humbert, Nick Moro e Frank Yacconelli.

«Air Raid» é o novo filme de EVA GABOR para a PARAMOUNT

Num dos nossos últimos números apresentámos aos nossos leitores uma nova artista que está fazendo presentemente certo furor em Hollywood, e cujo trabalho no seu primeiro filme, intitulado «Forced Landing», com Richard Arlen, a crítica festejou com palavras de que seguramente bem poucas estreantes devem ter-se podido gabar. É Eva Gabor, a húngara recenchegada à capital do cinema, a quem nos estamos referindo.

«Air Raid», mais um filme de aviação, cuja realização acaba de ser iniciada, é o seu segundo trabalho americano e nesse filme da Paramount Eva Gabor tem por «leading man» Robert Preston, um dos protagonistas de «Luar de Burma» e de «Os Sete Cavaleiros da Vitória». Martha O'Driscoll, um novo nome também, em quem os dirigentes da emprêsa de Adolph Zuckor depositam grandes esperanças, aparece também. Ralph Murphy é o realizador e John Mescall o operador.

Errol Flynn e Olivia de Havilland VOLTAM A APARECER JUNTOS EM «THEY DIED WITH THEIR BOOTS», da W. B.

O par Errol Flynn-Olivia de Havilland, que «Capitão Blood», «O Príncipe e o Pobre» e êsse majestoso «Robin dos Bosques» popularizaram em todo o mundo, estão, uma vez mais, juntos num outro filme da Warner Bros, emprêsa onde tem decorrido, a bem dizer, tôda a sua carreira cinematográfica.

Êsse novo filme dos Irmãos Warner, que a S. I. F. representa em Portugal, intitula-se «They Died With Their Boots» (Morreram de botas calçadas) e o seu argumento, da autoria de Aeneas Mac Kenzie, Wally Klein e Melvyn Levy, a guerra actual servirá uma vez mais de pano de fundo à história de que são intérpretes vários nomes conhecidos de Hollywood. Assim entre êles estão o imprescindível Alan Hale, Gene Lockhart, Charley Grapewin, Antony Quinn, Regis Toomey, John Litel, Arthur Kennedy, Sidney Greenstreet e a notável actriz negra Hattie Mc Daniel. Raoul Walsh, que acaba de dirigir Marlene Dietrich, Edward G. Robinson e George Raft em «Manpower» é o encenador, e o competentíssimo Bert Glennon o fotógrafo.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1209 — ADMIRATEUR DE DEANNA DURBIN *(Aveiro)*. — Acho delicioso o «admirateur»! — Não estou de acôrdo! Não aborreces nada com as tuas preguntas. — Estive em Aveiro, algumas horas, de passagem. — Qual o melhor filme musical desta temporada? Sei lá! Mas há muitos com pretenções ao título: *Uma Noite no Rio*, *O Rei da Alegria* (Strike up the Band), *Sonhos de Estrêlas* (Ziegfeld Girl), etc., etc. No final, se verá.

1210 — SPLEEN *(Abrantes)*. — O teu mal parece-me o mal da abundância. Não sei se lêste *A Cidade e as Serras*. Mas, pelos vistos, estás tal qual *O Meu Príncipe*. Tens que descobrir Tormes e uma *Maria da Graça* que te encha de meninos, e consequentes preocupações. E, nessa altura, o *Spleen* irá para bem longe. — A tua carta interessou-me. Espero que me envies outra. E vivamente aqui deixo um apêlo às leitoras para que troquem contigo impressões cinematográficas, dando-te assim aqueles motivos de distracção, uma vez que já realizaste aquilo que costumam ser os sonhos de tôda a gente...

1211 — SEMPRE AS DUAS. — Felizmente, não uso óculos. De modo que o castigo que tinham arquitectado para a demora das minhas respostas erra o alvo. — A pessoa que te disse que *Pôrto de Abrigo* era o melhor filme português esteve a «chuchar» contigo, pela certa.

1212 — MICKEY ROONETE *(Aveiro)*. — Não desesperes quanto à foto de Maria da Graça. Se a não recebeste, ela não tardará. — Transmito as saudações aos leitores da tua dinastia: *Mickey Rooney*, *Andy Hardy* e *Deannófilo*.

1213 — MICKEY ROONETE *(Aveiro)*. — A definição de «sex-appeal» é muito complexa. Poderá ser «aquilo» que nos fala aos sentidos. O nosso Marcelino definiu essa expressão sem querer, quando escreveu em verso, isto que eu te digo em prosa: «Pois se há tanta mulher, porque fantasia a gente só *uma* escolhe e quere». Um positivista dir-te-ia em duas palavras o significado de «sex-appeal». Eu como sou romântico, atiro-te com êstes dois versos, que te servirão, à falta de melhor. — Ignoro quantos correspondentes tenho agora. «Quem vê cartas, não vê corações». — O Mickey Rooney nasceu a 23 de Setembro de 1921.

1214 — VALENTINO *(Lisboa)*. — Por mim, não me oponho a que tu adoptes o pseudónimo de «Valentino». Êle, coitado, tão pouco... De modo que assim fica feita a tua vontade. — Não devemos querer tudo. Lá diz o ditado: quem tudo quere... De modo que não penses na possibilidade de *Animatógrafo* passar a bi-semanal. — Hedy Lamarr foi casada com um italiano, de quem se divorciou. Nessa altura, chamava-se Edy Kiesler e aparecia totalmente nua (a distância, já se vê) em filmes como *Êxtase*... Depois foi para Hollywood. Casou-se com Gene Markey ex-marido da Joan Bennett. Actualmente está livre. Quem sabe se ela estará à tua espera?

1215 — A TIMID BOY *(Lisboa)*. — Tenho a impressão que um inglês se veria em apuros para perceber o teu pseudónimo... — Simone Simon trabalha actualmente na RKO-Radio, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Hedy Lamarr e Ann Rutherford: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1216 — DOIS TIROLESES — Estes dois leitores da nossa revista comunicam-me que oferecem uma foto de Vasco Santana à primeira leitora que a solicitar. *(E aqui para nós tenho a impressão de que a foto vai para a Mirita)*. — Noto que receberam uma foto grátis de Virginia Grey. Parabens!

1217 — ISAAC PAIS *(Coimbra)*. — Respondo àquele teu postal dirigido ao Director de *Animatógrafo*, e no qual fazes «queixa» de mim, com o fundamento de que, «tendo-me escrito uma carta e um postal, quatro números depois, ainda não tinhas resposta». Por causa dêste teu postal, estive vai não vai para ir para a rua... Escrevo-te pois para te pedir que não te «queixes» mais vezes, de contrário, tenho que ir inscrever-me no «Comissariado do Desemprêgo», com a profissão de «answer-man»...

1218 — EL ESTUDIANTE *(Lisboa)*. — Hombre! Qué tal?! — Ignoro qual o colégio onde Maria da Graça anda a tirar o seu curso. Por ora, só sei que mora no pátio das Cantigas, que fica nos terrenos da Tobis, ao Lumiar...

1219 — ALBERT TOSCANINI *(Vila do Conde)*. — Martha Eggerth e Kiepura, como dissemos, encontram-se em Hollywood. Se és tão bom tenor como o Kiepura, podes ir, de facto, para a Cinelândia. Para lhe fazer concorrência, partindo da hipótese de que tens a mesma boa voz, basta-te que tenhas mais 10 cm. de altura, um pouco mais de cabelo e uma cara menos «fechada».

1220 — AMEI, ETC. — Decididamente resolvi resumir o teu pseudónimo ao primeiro verbo. Se amaste, o resto é lá contigo — Do *Pôrto de Abrigo* não vale a pena falar.

121 ARQUIDUQUE BIS-KÁ-MÉ. — Em resposta ao teu cartão, com os dizeres, a dourado, que figuram à cabeça destas linhas e a coroa de conde que os encimam, só te posso dizer. «O prazer, amigo, é todo meu!»

1222 — I AM CHARLES BOYER. — O filme *E tudo o vento levou* não será exibido ainda, na próxima temporada. Temos que ter paciência. O que vale é que bons filmes não faltarão! E há um punhado de títulos que convencem: *Citizen Kane*, *Fantasia*, *Casamento Escandaloso*, *Ziegfeld Girl*, *Uma Noite no Rio*, *Miami*, *O Ladrão de Bagdad*, *A Batalha de Trafalgar*, o novo filme de Capra, *As três noites de Eva*, *Os anjos de caras negras*, *Desfile da Primavera*, *Sete Pecados* e muitos, muitos outros, não falando nos filmes portugueses. — Ainda não arranjei o argumento para o filme de formato reduzido, que projectas. Que dizes a um tema baseado na guerra actual?... Para começar, talvez não fôsse mau...

1223 — ZORRO LOIRO *(Lisboa)*. — Tomei nota da tua ficha «físico-sentimental». Muito prazer em conhecer-te. — Roberto Young nasceu em Chicago a 22 de Fevereiro de 1907. Chama-se, na realidade, Robert Young. — Êste leitor cumprimenta *Princesa da Selva* e *Antinea* e oferecerá uma foto de R. Young à primeira leitora que lhe escrever.

1224 — DOIDO COM JUIZO *(Montemor-o-Novo)*. — Não duvido que Maria Tereza de Noronha haja cantado, em público, aí em Montemor. Mas nunca o havia feito, em teatros de Lisboa, antes ou depois da Festa de «Animatógrafo». Por isso, não mentimos.

1225 — AIRES COSTA MARQUES — Deanna Durbin: Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia.

1226 — RUBY *(Pôrto)*. — Podes escrever-me sempre que queiras. Com o maior prazer te responderei.

1227 — LILY MARSHAL. — Acho muito bem que dediques o teu album aos artistas portugueses. Podes solicitar fotos, de todos êles, por intermédio da nossa revista, que se encarrega de as transmitir ao seu destino. — Tereza Casal envia foto. Isabela Tovar (a protagonista de *O Feitiço do Império* cujo nome te não lembrava) também satisfará, pela certa, o teu desejo.

1228 — ALCAIDÓFILA. — Tomaz Alcaide está actualmente na Argentina. Podes escrever-lhe para «Consulado de Portugal, Buenos Ayres, Argentina». O nosso compatriota tem feito boa figura no Brasil, em competição com todos os bons cantores que se encontram na América do Sul. No Rio de Janeiro, numa festa organizada por António Ferro, cantou perante o presidente Getúlio Vargas, que lhe pediu, pessoalmente, para «bisar» o sonho da *Manon*. Não se confirmou o boato que correu, com respeito ao seu casamento. O artista não pensa regressar à Europa nestes tempos mais próximos. E aqui tens algumas notícias sôbre Tomaz Alcaide, que te devem deixar satisfeita.

Bel-Tenebroso



HENRY FONDA

«The Farmer Takes a Wife», uma obra notável que com o titulo de «A Noiva do Camponês» quási passou despercebida entre nós, em que Henry Fonda contracenava com Janet Gaynor, foi o filme em que pela primeira vez oferecia aos olhos do público português a sua silhueta, tão pouco conforme com os «canones» que vigiam há oito anos os figurinos das partes da tela, quando ainda não tinham surgido nem James Stewart, nem Cary Grant, nem Clark Gable.

Desde esse filme da Fox, em que êle repetia um grande exito pessoal do teatro, até aos seus trabalhos mais recentes, Henry Fonda tem compôsto uma das mais variadas e das mais valiosas e brilhantes galerias de tipos de que um grande actor se pode francamente orgulhar.

Fonda que, injustamente, não goza em Portugal de popularidade a que o seu talento excepcional e a sua merecida personalidade tem absoluto direito, e que vemos aqui numa magnifica fotografia, terminou recentemente os filmes «Wild Geese Calliny» para a Fox, com Joan Bennett e «Jon Belones To Me» ao lado de Barbara Stanwich, para a Columbia.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



MADELEINE CARROL, a noiva perdida e achada no Atlântico que ao lado de STIRLING HAYDEN interpreta o primeiro papel de «Passagem da Bahama»

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: MISCHA AUER